



A CONTRIBUIÇÃO DE LÍNGUAS AFRICANAS NA FORMAÇÃO SOCIO-CULTURAL DO NORDESTE DO BRASIL

Wellington Marinho de Lira¹

RESUMEN:

*LA CONTRIBUCIÓN DE LAS LENGUAS AFRICANAS
A LA FORMACIÓN SOCIO-CULTURAL DEL
NORESTE DE BRASIL*

En este trabajo vemos cómo algunas lenguas africanas han contribuido a la formación del léxico de la lengua portuguesa, en especial en referencia a la variedad que se habla en el noreste de Brasil.

Palabras claves: Préstamo, léxico, lingüístico, africana, afro-brasileiro,.

ABSTRACT:

*THE CONTRIBUTION OF AFRICAN LANGUAGES IN
THE SOCIO-CULTURAL FORMATION OF
NORTHEAST BRAZIL*

In this paper we will look into ways in which some of the African languages have contributed to the lexicon of Brazilian Portuguese, especially the variety spoken in the Northeast of Brazil.

Key words: Borrowing, lexicon, linguistic, African, Afro-Brazilian.

RESUMO: *Neste trabalho veremos como algumas línguas africanas contribuíram para a formação do léxico da língua portuguesa, em especial a variedade falada no Nordeste do Brasil.*

Palavras chaves: Empréstimo, léxico, lingüístico, africana, afro-brasileira.

INTRODUÇÃO

Em nossa história ocidental o século XVI ficou conhecido como a época das grandes navegações e dos grandes descobrimentos. Neste cenário Portugal exerceu um papel de grande relevância a nível mundial, pois foram os pioneiros nas viagens de conquistas do além-mar levando sua bandeira à Ásia, África e América, e nestas terras estabelecendo relações e colônias bem antes de outras potências européias da época. Exemplos como os do Infante Don Henrique e a Escola de Sagres; Bartolomeu Dias e o Cabo das Tormentas; Vasco da Gama e o caminho marítimo para as Índias, provam as habilidades portuguesas ligadas ao domínio do mar, trazendo importantes conseqüências históricas, econômicas, políticas, culturais e lingüísticas, como mostraremos abaixo.

Já no século XV os portugueses começaram a exploração das costas africanas com a criação e formação de entrepostos no litoral e colonizando ilhas como Cabo Verde, São Tomé e Príncipe entre outras. Da mesma forma chegaram ao litoral da Índia, à Malásia, ao Sri Lanka, ao litoral da China, enfim, se estabelecendo no oriente. Este avanço, com conquistas de território continuaram pelos séculos XVI e XVII. Depois deste período, há um declínio do poderio português, dando lugar a outros poderes colonialistas como França, Inglaterra e Espanha.

Este contato dos portugueses com outros povos de terras distantes trouxeram muitas conseqüências no campo lingüístico até os dias de hoje, tanto ao nível de adstrato como de superstrato. Hoje em dia a língua portuguesa falada no Brasil concentra muita influência do

* Fecha de Recepción: Agosto 2008.

Fecha de Aceptación: Septiembre 2008.

¹ Marinho de Lira, Wellington, Autarquia Educacional do Belo Jardim, Boa Vista, Brasil.

léxico de outras línguas, principalmente das línguas africanas. Dentre as diversas línguas africanas, podemos ressaltar neste artigo, a influência do quimbundo na formação do léxico da língua portuguesa falada em Angola, e conseqüentemente a importação desse léxico na língua falada no Brasil.

1. A INFLUÊNCIA DE LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

1.1. FATORES HISTÓRICOS E CULTURAIS

No ano de 1983, cerca de 60% dos moradores de Angola declaram que o português como sua língua materna. Como língua oficial, o português convive com o baçongo, o quimbundo, o ovibundo e o chacue. Assim como em Angola, o português falado em Moçambique, Guiné Bissau e Cabo Verde, entre outros países, convive lado a lado com os idiomas vernáculos desses locais, sofrendo com isso influências e alterações em seu léxico.

No Brasil a situação não foi diferente, estima-se que no século XVI quando os portugueses aqui chegaram, existiam cerca de 1000 línguas indígenas em uso em todo Brasil. Hoje em dia, restam apenas 188 dessas línguas (Ethnologue 1999). Até a proibição do tráfico negreiro em 1850, cerca de quatro milhões de africanos haviam sido trazidos para o Brasil como escravos. Com o passar do tempo, o convívio entre negros africanos, portugueses e indígenas contribuiu para o enriquecimento do léxico da língua portuguesa, principalmente na região nordeste que, por causa da produção açucareira, concentrava um número maior de escravos para a mão de obra. Culturalmente falando, aqui foram concebidas aquilo que conhecemos como nações-de-santo, isto é, o Candomblé de Angola, o Candomblé de Keto, o Ewefon ou jeje, o Ijexá e algumas praticamente extintas como o Xambá e o Malê. Com relação à imigração africana no Brasil, os escravos trazidos da África eram provenientes, em sua maioria, de Angola e do Congo e falavam inúmeros dialetos, com predominância do quimbundo (de Angola) e o quicongo (do Congo). Aqui, angolanos e congoleses foram misturados e vendidos genericamente como escravos. Para os senhores de engenhos e mercadores, eles não passavam de uma só coisa, e eram negociados como negros bantos, denominação da etnia.

Dessa forma, os escravos desses dois países africanos passaram a conviver em senzalas como filhos da mesma terra, com idiomas, rituais e costumes bastante parecidos. Em maior número, os angolanos fizeram predominar seus fundamentos religiosos e mesmo sua língua mais conhecida: o quimbundo. Com o passar dos tempos, angolanos e congoleses não eram mais diferenciados, bem como seus rituais religiosos. Em termos gerais, tudo que se fazia referência aos negros bantos era conhecido como parte do ritual da nação Angola. A sobrevivência dos costumes e rituais religiosos só foi possível graças a um enorme esforço de seu povo, que, mesmo humilhado e vilipendiado, conseguiu se superar e manter viva a nação e suas tradições até os dias de hoje.

1.2. FATORES POLÍTICOS

Entre 1750 e 1770 Portugal passou por profundas reformas promovidas por seu Secretário Geral do Reino (Primeiro Ministro), o Marquês do Pombal. Impressionado com o sucesso econômico da Inglaterra ele governou Portugal com mão de ferro, impondo a lei à

todas as classes, desde os mais pobres até a nobreza, com o objetivo de tornar Portugal tão eficiente quanto a Inglaterra. Em 1759 expulsa os Jesuitas do território português assim como de suas colônias. A educação que estava sob a responsabilidade dos jesuitas nas colônias passou a ser transmitida por leigos nas chamadas *Aulas Régias*. Complementando esse conjunto de medidas, o marquês procurou dar uma maior uniformidade à colônia proibindo o Nheengatu ou língua geral, uma mescla de várias línguas indígenas com o português, até então falada em quase todo território brasileiro, com exceção de Pernambuco, parte da Bahia e Grão Pará. A partir do ano de 1759 foi obrigado o uso da língua portuguesa em todo território nacional. Isto explica porque ainda hoje muitas cidades do Sudeste do Brasil conservam seus nomes de origem indígena. Também em 1759 foi fundada a Companhia Geral de Comércio de Pernambuco e Paraíba, empresa da coroa portuguesa com o objetivo de dinamizar o comércio no Nordeste do Brasil. Essas medidas tiveram efeitos imediatos nesta região aumentando a produção açucareira e o número de escravos vindos da África, principalmente de Angola. Com o enfraquecimento da educação clássica, em consequência o enfraquecimento também do ensino de português, com a saída dos Jesuitas e o aumento do número de africanos na região, a tendência da língua foi de se adaptar às novas palavras e expressões que iam surgindo a cada dia no vocabulário das pessoas.

Com o passar do tempo a língua portuguesa do Brasil foi adquirindo e incorporando palavras do Quimbundo ao seu léxico. Hoje em dia é comum as pessoas utilizarem essas palavras sem ter noção de suas origens, pensando serem estas de origem portuguesa. O Quimbundo é uma língua prefixal e aglutinante, ou seja, é pelo uso de prefixos, sufixos e infixos que os bantos exprimem as noções de gênero, número, pessoas e tempos. Foi grande a contribuição do Quimbundo ao léxico do português brasileiro, conforme veremos nos exemplos seguintes. Na tabela logo abaixo temos uma comparação de palavras com o mesmo significado usadas em Angola, em Portugal e no Brasil. Podemos notar que em muitos casos a palavra adotada no Brasil e a mesma utilizada em Angola, sendo a mesma não utilizada em Portugal. Na mesma tabela de usos verificamos que outras palavras do léxico brasileiro são de origem portuguesa e não são adotadas em Angola. Outras são comuns aos três países. Em alguns casos como na palavra *cacimba*, vemos que sua utilização é mais frequente no Nordeste do Brasil, isto porque esta região concentrou um maior número de angolanos trazidos como escravos para trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar. Estes, em contato com a sociedade local, influenciaram não somente os costumes locais, como também contribuíram para a cultura em geral e a formação do léxico da língua portuguesa falada na região.

Tabela comparativa do uso do léxico em Angola, Portugal e Brasil:

ANGOLA	PORTUGAL	BRASIL
<i>Abacaxi</i>	<i>Ananás</i>	A forma angolana é bem mais usada
<i>Anhara, chana</i>	<i>Savana</i>	<i>Savana</i>
<i>Azeite doce</i>	<i>Azeite de azeitonas</i>	
<i>Barona</i>	<i>Garota bonita</i>	
<i>Bazar (v.)</i>	<i>Ir embora</i>	

<i>Bicha</i>	<i>Panelheiro</i>	<i>Bicha, veado, baitola</i>
<i>Bumbar (v.)</i>	<i>Trabalhar</i>	<i>Trabalhar</i>
<i>Cacimba</i>	<i>Poço</i>	<i>Cacimba é mais usado no nordeste do Brasil</i>
<i>Chiunga</i>	<i>Pastilha elástica</i>	<i>Goma de mascar, chiclete (no nordeste do Brasil)</i>
<i>Cuíta</i>	<i>Instrumento musical</i>	<i>Cuíca</i>
<i>Farra</i>	<i>Festa</i>	<i>Festa e farra (farra tem mais o sentido de algazarra)</i>
<i>Fubá de bombo</i>		<i>Fubá mandioca</i>
<i>Garina</i>	<i>Moça</i>	<i>Jovem</i>
<i>Lavras</i>	<i>Terreno onde se cultiva</i>	
<i>Jindungo</i>	<i>Malagueta, piri-piri</i>	<i>Pimenta malagueta</i>
<i>Jinguba</i>	<i>Amendoim</i>	<i>Amendoim</i>
<i>Mataco ou bunda</i>	<i>Cu</i>	<i>Mais usado "bunda".</i>
<i>Maximbombo</i>	<i>Autocarro</i>	<i>Ônibus</i>
<i>Muceque (Literalmente significa lugar de areia)</i>	<i>Bairro de lata</i>	<i>Favela</i>
<i>Óleo de palma</i>		<i>Azeite de dendê</i>
<i>Panquê</i>	<i>Comida</i>	
<i>Quítia ou Kítia (também significa garota, mulherio)</i>	<i>Saia</i>	<i>Saia</i>

2. OUTRAS INFLUÊNCIAS DE EXPRESSÕES ANGOLANAS NO PORTUGUÊS

A maioria dos escravos chegados ao Brasil até 1850 era de origem angolana ou congolesa. Os angolanos eram maioria pelo fato de Angola também ser uma colônia portuguesa, facilitando assim o comércio com o Brasil que também era uma colônia de Portugal. Como vimos acima, muitas palavras do léxico de línguas africanas foram incorporadas ao léxico do português do Brasil, principalmente à variedade falada no Nordeste do Brasil, que na época era o centro econômico do Brasil colônia. Colocamos abaixo uma lista de palavras de origem angolana, incluindo palavras do umbundo, quimbundo e quicongo. Poderemos notar que muitas palavras ainda hoje permanecem vivas no léxico da língua portuguesa, porém a maioria dos falantes desconhece a origem das mesmas. Dentre as inúmeras palavras tomadas como empréstimos dessas línguas africanas podemos citar como exemplo as da lista abaixo:

- Banguela:** Etnia de onde provinham os guerreiros jagas. Estes tinham o costume de arrançar os dois dentes superiores da frente. Daí o sentido, no Brasil.
- Cachimbo:** Provavelmente vem da palavra “Ka-humbu” que em quimbundo designa um instrumento para fumar.
- Caçula:** Origem provável do quimbundo “Ku-sula” ou do quicongo “Kasula” significando malhar, triturar. No Brasil designa o filho mais novo.
- Candongá:** Em Angola designa o contrabando. Inicialmente o contrabando de peixe seco. Só muitos anos mais tarde se passaria a usar o termo “candongueiro” para designar os contrabandistas de diamantes ou mais tarde ainda, os novos taxistas luandenses do chamado “processo dos 500”.
- Carimbo:** Com origem no quimbundo “karimu” (marca), designa o sinal com que se marcavam os negros, com ferro em brasa.
- Clementino:** Mesmo não sendo uma palavra de origem africana, em Angola quer dizer alguém que aceitou clemência, perdão de uma autoridade. É um termo político.
- “Contratado”:** Eufemismo que substituiu o termo escravo, no trabalho compelido a que os africanos nativos estavam sujeitos nas roças e fazendas, durante a época colonial do Estado Novo (regime Salazarista) português.
- Comboio mala:** Designação do comboio (trem) que transportava as malas do correio.
- Fubá:** Vem da palavra “Kufubuca” que em quimbundo significa: sem consistência. Designa a farinha de milho, mandioca ou massango usado para preparar o pirão. No Brasil, designa apenas a farinha de milho.
- Kinda ou Quinda:** É um cesto cônico que as mulheres transportam à cabeça.
- “Kizomba” ou “Quizomba”:** (Houais), palavra que foi usada no tema de carnaval da escola de samba Unidos de Vila Isabel, no Rio de Janeiro em 1988, é um tipo de música e dança angolanas. Existe também a forma *Quizombos* de acordo com Evaldo Cabral de Melo.
- Maconha:** Tem a origem na palavra “Ma’kaña” que em quimbundo significa planta santa.
- Mambembe:** Lugar afastado, isolado, ermo. Grupo teatral nômade. Vem do quimbundo ‘mumbe’ (abandono, solidão), com o sufixo interativo ‘mbe’ formando mumbembe e logo mambembe em português.
- “Moleque”:** Essa palavra no Brasil é originária do quimbundo “mu’leke” que significa menino. Porém aqui assumiu com o tempo inúmeros significados, carinhosos ou pejorativos conforme seu emprego. Pode ser uma forma de tratar qualquer menino, independente da cor da pele ser branca ou negra, não necessariamente pejorativa. Pode ainda significar um indivíduo brincalhão, engraçado. Ou ainda, se esbravejada contra um adulto em tom de discussão; “Seu moleque!”, estará significando um indivíduo sem palavra, um canalha, um cafajeste.
- Mocambo:** Cumeeira, em quimbundo. Mais especificamente, a forquilha de encaixe do teto da casa. No Brasil, virou esconderijo de escravos insurretos e, depois, habitação miserável.
- Mucamba:** Em alguns ritos Angola – Congo significa auxiliar do sexo feminino. Na seita da cabula significa mulher iniciada. Vem de *makamba*, de *kamba*, camarada em quimbundo.
- “Pirão” ou “funji”:** É uma comida tradicional angolana. É uma espécie de papa, preparada com fubá ou farinha, e com este sentido é palavra também empregada no Brasil. Aqui criou-se o ditado “Farinha pouca, meu pirão primeiro”, significando que, em épocas de dificuldades, busca-se primeiro satisfazer a si próprio e depois aos outros.

- Quibaca: Do quimbundo Kibaka que significa ombreira. Muito usada pelos cangaceiros. Em português o mesmo que tibaca.
- Quibebe: Em quimbundo significa: “que tem a consistência de papa”. Prato feito de abóbora em forma de purê a que se pode acrescentar leite de coco.
- Quilombo: Nome do acampamento militar dos guerreiros jagas. Deu no Brasil refúgio de escravos fugidos. Em quimbundo significa capital, povoação.
- Sanzala: ou “senzala” significa cidade, aldeia africana. No Brasil, passou a designar o galpão onde dormiam os escravos.
- “Semba”: Palavra que significa “umbigada”. O semba, uma dança praticada em Luanda, deu origem ao *samba* brasileiro. Em vários momentos da dança os pares trocavam umbigadas. Trazida para o Brasil por escravos oriundos de Angola, modificou-se e mudou de nome.
- Tukeia ou tuqueia: É um peixe lacustre das anharas (savanas) do leste de Angola.

Como vimos acima, muitas palavras do uso cotidiano associadas a origem luzitana, tem na verdade origem em idiomas africanos como o Umbundo, o Quimbundo e o Quincongo. Assim como as palavras alguns costumes que se mesclam em nossa sociedade. Podemos também perceber que a maioria dessas palavras são de uso comum, do cotidiano, sem ter vínculo religioso ou ritualístico, por isso talvez que se confundem com as de origem luzitana, tendo em vista que existe uma tendência de se associar palavras de origem africanas com as palavras que são originárias das religiões afro-brasileiras. Geralmente as palavras de significado religioso ou ritualísticas tem origem em uma outra língua, o Yoruba de origem nigeriana. O legado cultural e linguístico deixado por Angola são, em sua maioria, de palavras do uso comum.

3. OS QUILOMBOS E A PRESERVAÇÃO DA LÍNGUA E DA CULTURA

Historicamente os quilombos eram locais de refúgio de escravos fugidos e se localizavam em vários locais do Brasil. A população era composta em sua maioria por afro-descendentes e muitas vezes uma minoria de origem indígena e branca. Dentre os quilombos já existentes o mais famoso foi, sem dúvida, o Quilombo dos Palmares, localizado onde hoje se encontra o norte do estado de Alagoas e o sul do estado de Pernambuco.

Originalmente a palavra quilombo tem sua etimologia no quimbundo e significa lugar de passagem ou de abrigo para populações nômades ou em deslocamento, podendo também significar acampamento militar ou mesmo capital de um povoado. Posteriormente no Brasil adquiriu o sentido de comunidades autônomas de escravos fugitivos. Tradicionalmente era uma região de grande concentração de escravos fugidos. Esses locais ficavam afastados dos centros urbanos em locais de difícil acesso como matas, florestas, montanhas. Esses núcleos habitacionais tinham formação de aldeia e dedicavam-se a economia de subsistência, e muitas vezes ao comércio, tendo inclusive alguns deles prosperado.

Apesar da Abolição da escravatura ter sido oficialmente alcançada no Brasil em 1888, alguns desses grupos quilombolas chegaram até os dias atuais graças ao seu isolamento das comunidades urbanas. Essa situação de isolamento fez com que muitos desses grupos preservassem seus costumes e tradições mesmo com o passar do tempo (Reis & Gomes

1996). Neste aspecto podemos salientar que neste ambiente, muitos aspectos da linguagem falada pelos antigos escravos foram também preservados. Ainda de acordo com o autor, apesar de seu isolamento aparente, a maioria das cerca de 2000 comunidades quilombolas atualmente existentes no Brasil, não ficaram paradas no tempo e no espaço. Ao contrário, mantêm-se vivas e atuantes lutando pelo direito de propriedade de suas terras garantidas pela constituição Federal de 1988.

Segundo dados recentes (CPISP 2008), somente no estado de Pernambuco existem cerca de 120 comunidades quilombolas. Em março de 2008, 80 destas comunidades já constavam no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos do Governo Federal. Dentre estas comunidades, duas receberam no ano de 2000 o título da terra pela Fundação Palmares. São elas: a comunidade de Castanhinho na cidade de Garanhuns e a comunidade de Conceição das Crioulas na cidade de Salgueiro.

Com o passar do tempo muitas comunidades quilombolas foram se politizando e se capacitando em busca da defesa de seus interesses. Hoje em dia em Pernambuco, já existe uma entidade representativa das comunidades quilombolas: a Comissão de Articulação Estadual das Comunidades Quilombolas de Pernambuco, criada em julho de 2003. Está situada na Comunidade de Conceição das Crioulas e atua na luta pela garantia dos direitos dos quilombolas.

Os estudos das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil eram quase sempre realizados pelos departamentos de Atropologia das universidades brasileiras de forma bastante pontual. A partir da criação da Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que institui a obrigatoriedade de estudos afro-brasileiros em nossas escolas, o cenário foi aos poucos mudando. Hoje em dia não somente as universidades Federais mantêm pesquisas nas comunidades quilombolas, mas também outras Instituições de Ensino Superior. Do interesse quase exclusivo da Antropologia, essas comunidades hoje fazem parte do interesse de equipes interdisciplinares que atuam nas pesquisas que vão desde os costumes, linguagem e história, até a saúde pública e o direito público.

Juntos, lingüistas, historiadores e antropólogos tentam decifrar o que fez tais comunidades sobreviverem por tanto tempo, por um lado conservando seus costumes, linguagens e tradições, e por outro lado, também interagindo com outros grupos sociais de fora da comunidade sem contudo perder seus traços identitários. Os estudos no campo da linguagem ainda estão muito incipientes, mas progredindo a cada dia que passa. Nas áreas de História e Antropologia, por outro lado, os estudos se encontram bem mais avançados servindo inclusive de referência e apoio de dados para nós que trabalhamos na área de Linguística.

No agreste do estado de Pernambuco, na zona rural do município de São Bento do Una, localiza-se uma comunidade quilombola chamada “Serrote do Gado Brabo”. Nesta localidade alguns pesquisadores da FABEJA, faculdade da cidade vizinha, Belo Jardim, iniciaram algumas pesquisas na área de História e Antropologia. Para o ano de 2009 espera-se o início das pesquisas na área de Lingüística, assim como Literatura e Cultura Popular.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da grande contribuição dada ao léxico da língua portuguesa pelo quimbundo, temos que admitir que tal fenômeno não é fato novo na formação da língua. Desde a época dos romanos, quando o latim foi espalhado pela península Ibérica, que as modificações e transformações começaram a ocorrer, recebendo o latim contribuições das línguas dos povos dominados e ao mesmo tempo contribuindo com seu léxico para a formação de falares locais chamados de romances, que derivavam do latim vulgar. De um desses romances seria posteriormente formada a língua portuguesa.

Admite-se que a língua portuguesa já era um idioma estruturado na segunda metade do século XII. Originada do latim vulgar, a língua portuguesa evoluiu: do século XII ao século XVI, considerado o período *arcaico*, se dá sua fixação enquanto idioma que representa uma nova realidade independente.

É justamente nessa época que o português migra para o Brasil recebendo primeiro a influência das línguas indígenas e logo em seguida a influência de línguas africanas, em especial do quimbundo como vimos acima.

A língua portuguesa falada hoje no Brasil distingue-se daquela falada em Portugal em face das contribuições indígenas e das línguas faladas pelos escravos africanos, pelos brasileiros e, ainda, pela influência dos idiomas trazidos pelos imigrantes a partir do século XIX.

Falada, hoje, por aproximadamente duzentos milhões de pessoas, é, segundo estatísticas nem sempre coincidentes, a sétima do mundo em número de usuários, ultrapassada apenas pelo chinês, o inglês, o espanhol, o hindi, o russo e o árabe.

A língua portuguesa, não somente recebeu, como vimos anteriormente, influências marcantes em seu léxico, mas também influenciou de forma marcante a formação lexical de outras línguas, chamadas de línguas crioulas, que em sua maioria são faladas em suas ex-colônias. Neste caso se repete com o português o que antes já havia acontecido com o latim, ele não só importa como também exporta seu léxico para outras línguas. Assim como os romanos, os portugueses levaram sua língua para terras distantes e em novas terras a língua se adaptou a situações da realidade local adquirindo novas palavras e expressões regionais, e ao mesmo tempo influenciando as línguas locais com o seu léxico.

No Brasil, a língua portuguesa adquiriu um “tempero” especial com os empréstimos africanos, principalmente na região nordeste, por ser esta a que mais teve contato com os imigrantes africanos. Recentemente com estudos em comunidades quilombolas, com o apoio interdisciplinar de ciências como a História e a Antropologia, temos cada vez mais avançado em nossas pesquisas que buscam contribuir na descrição da formação da linguagem vernácula nesta região do Brasil. Considerando a língua como um fator de formação e de transmissão cultural, podemos assegurar que os empréstimos africanos foram de grande importância na história da formação social e cultural do nordeste brasileiro.

BIBLIOGRAFÍA

- Alkmin, Tânia e Tarallo, Fernando** (1987): *Falares crioulos: Línguas em contato*. São Paulo, Ática.
- Carvalho, Nelly** (1989): *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo, Ática.
- Crystal, David** (1987): *The Cambridge encyclopedia of language*. New York and Melbourne, Press Syndicate of the University of Cambridge.
- Duranti, Alessandro** (1997): *Linguistic anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Edwards, John** (1994): *Multilingualism*. London and New York, Routledge.
- Houaiss, Antônio** (2001): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva.
- Monteiro, Bruna Pimentel da Rocha** (2007): *Comunidades quilombolas no Agreste de Pernambuco*. Recife, Universidade Católica de Pernambuco.
- Reis, João José; Gomes, Flávio dos Santos** (org.) (1996): *Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Tarallo, Fernando** (1990): *Tempos lingüísticos; itinerário histórico da língua Portuguesa*. São Paulo, Editora Ática.

OTRAS FUENTES

- CPISP** (2008): Comunidades Quilombolas no Brasil. Disponível no site: http://www.cpis.org.br/comunidades/html/i_brasil_pe.html, Acessado em setembro.
- Ethnologue** (2008): *Línguas do Brasi*. Website com um mapa das principais línguas indígenas faladas no Brasil. Catálogo de 1999. Disponível em: <www.ethnologue.com>. Acesso em: Março.
- Silva, Delma Joseja da** (2003): “Educação nas comunidades quilombolas de Pernambuco”. Disponível no site da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos <www.social.org.br>.